

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 11 — Junho de 1904

Guerra Junqueiro.

"A Farça,, de Raul Brandão.

Politica.

PORTO * * * * *
ADMINISTRAÇÃO: AVENIDA DE CARREIROS, 250 * *
TYP. A VAPOR DA EMPREZA LITTERARIA E TYPOGRAPHICA *
EDITOR — ALBERTO FERREIRA DAS NEVES * * * *



Alipio Dias Costa

COMPRA E VENDE

Papeis de credito

Inscrições,
 Obrigações, Acções de Bancos
 e Companhias.
 —
 Compra de Coupons.
 Averbamento de Titulos.
 —
 Divida externa Portugueza.

Cambios

Libras,
 Francos, Pesetas, Cheques
 e a 90 d./v.
 —
 Cotação do dia.



“SMITH PREMIER,,

MACHINA DE ESCREVER



Esta machina, a melhor de todas pela sua durabilidade e perfeição de funcionamento, tem sido magnificamente acolhida nas principaes casas de commercio d'esta cidade. Em menos d'um mez foram vendidas, só no Porto, mais de 50 machinas. Innumeros attestados garantem a superioridade da *Smith Premier* sobre a *Remington*, *Yost* e todas as outras marcas concorrentes.

GRAND PRIX 1900

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agencia no Porto

Rua do Mousinho da Silveira, 298 - 1.º

PAULO OSORIO

AGUILHADAS

N.º 11 — JUNHO DE 1904

Summario

Guerra Junqueiro, o seu successo em Paris e a sua recepção no Porto ou meditações sobre as fraquezas dos grandes homens e as ineptias da auctoridade, seguidas de comprovações edificantes.— *A Farça*, do sr. Raul Brandão. — A politica do dia. Eleições, partidos e programmas. Aquillo que será talvez ainda uma esperança e aquillo que decididamente já o não é. Conclusão.

É CLARO que Guerra Junqueiro não teve em Paris esse successo que as folhas indigenas apregoam. Nem a celebridade na capital francêsa se apressa a correr o gramilo da sua entrada de triumpho a qualquer adventicio ambicioso que a procure, nem a sciencia de Junqueiro, phantasiosa e lyrica, era de molde a deslumbrar sabios e leigos n'essa adoravel terra de França em que é corrente cada qual dizer coisas profundas sobre assuntos de que pouco ou nada sabe. Muito simplesmente, Junqueiro conviveu com Xavier de Carvalho e logrou chegar á falla com o secretario do *Figaro* que o levou ao vulgarizador scientifico da folha que lhe deu uma carta para Richet e outra para o director da *Revue*, onde o poeta teve emfim a dita de ver em letra redonda o seu trabalho, após tão longa peregrinação de pretendente. Fallou tambem com Curie, que, ao que parece, o não tomou muito a serio, passou ás tardes com o correspondente do *Seculo* e do

Noticias e comeu um jantar que lhe offereceram os portuguezes residentes em Paris.

Claro que, em todo o trabalhoso percurso até á directoria da *Revue*, Junqueiro ouviu ácerca do seu estudo sobre o radio aquelles amaveis cumprimentos em que o espirito gaulês é sempre prodigo. E foram esses cumprimentos mais um anodino artigo de Emile Gautier que constituiram o formidavel successo que se conta. A propria redacção da *Revue* entendeu dever preceder o seu trabalho d'uma nota extremamente habilidosa, com refegos que, se para alguns constituem outros tantos signaes admirativos, para outros menos candidos podem bem ser coisa peor.

Depois d'isto é quasi certo que, mais dia menos dia, o glorioso portuguez apanha em terras da estranja um monumento e o seu nome salta, todo em triumpho, para o livro d'oiro da heuristica do mundo... E para que nem sempre com verdade se diga que o profeta o não pode ser na sua patria, os portuenses resolveram recebê-lo com vivas e palmas no regresso dos paizes distantes onde seu saber e engenho obtiveram o exito retumbante que se viu.

A convite de quasi todos os jornaes do Porto, alguns milhares de pessoas acorreram á gare de S. Bento ou ás ruas confinantes á hora marcada

para a recepção do illustre homem de letras. Multidão era essa composta de exaltados demagogos que, aconselhados por folhas vermelhinhas, iam em nome da liberdade protestar nas barbas do poeta contra a romagem dos bispos ao Sameiro, de amigos pessoaes que o queriam abraçar após seu longo viajar por terras longes, um avultado numero de curiosos que comparecem sempre em coisas d'estas, policias com e sem fardeta e socios de sociedades dramaticas que soem recitar com emphase

O melro, eu conheci-o. . .

ou

A lagrima celeste, ingenua e luminosa. . .

. . . O poeta desceu da carruagem e foi cumprimentado, abraçado e applaudido. E assim foi indo, victoriado sempre, até que aconteceu o desagradavel incidente de se ter desbocado um chefe d'esquadra e mandado acutilar cidadãos pacificos que davam vivas a um homem que, para cumulo de innocencia, nem elles proprios sabiam bem o que fizera. Correrias, indignações, uma ou duas pessoas feridas, Junqueiro parlamentando com o chefe furibundo, e uma manifestação que podia dar magnificas notas de grotesco, tornada assim, mercê da ineptia da auctoridade, n'uma homenagem séria, em que pareceu até haver ideias, con-

graçando para a creatura consagrada toda a sorte de sympathias dispersas, colhidas, aqui e além, no grupo sempre maior dos indifferentes.

Deve ser agora o momento de se dizer que a manifestação, feita politica pelo reclamo patetinha das gazetas que entre nós defendem a causa da republica, não tinha na actual conjunctura razão de ser plausivel. Disparatada se a tomarmos como de partidos avançados de combate para um homem que estacou n'um periodo inactivo de renuncia, ella o é ainda se dirigida ao poeta que foi grande, cahido agora n'uma phase de decadencia deploravel, ou ao philosopho imaginoso e por vezes apenas interessante que se poz a sonhar theorias sobre phenomenos geraes que as praticas de laboratorio lhe não deram e restrictamente sobre corpos chimicos que, segundo todas as probabilidades, nunca viu.

Mas se é certo que n'estes tempos tudo que lembra disparate encontra logo adeptos, era a Guerra Junqueiro que intelligentemente cumpria evitar o destempero. Não collaborasse na homenagem com a sua annuencia, deixasse ficar victoriosa das furias iconoclastas a Virgem do Sameiro, poupasse á miuçalha do seu partido o ensejo de mais uma vez publicar a falta de criterio e de bom-senso que a distingue, considerasse um pouco na razão

de ser d'essa homenagem e no conhecimento de causa d'aquelles que lh'a faziam e, desembarcando n'uma estação dos arrabaldes, fôsse direito a Villa do Conde, lavar-se, escovar-se, e retemperar depois no socego da familia, as forças que as maçadas da viagem até aos mais vigorosos depauperam.

Precisamente me occorre o nome d'um homem que em tal caso assim procederia: Anthero de Quental. Esse foi um genio e foi um santo — como lhe chamou Eça em paginas de admiração e de saudade. Foi um genio, escrevendo simples e correntemente as coisas sublimes que o seu espirito creava, sendo sempre sincero e nunca um cabotino, e foi um santo, da mesma forma singela, natural, sentida, sem para ser bom lhe ser mister macaquear o physico dos bons e as suas maneiras e doutrinas, sem ter de recorrer ao reclamo, n'um lamentavel furor de exhibição doentia.

A *Farça* do snr. Raul Brandão é o novo livro d'um escriptor que tem levado a vida com a aureola da originalidade a guarnecer-lhe a coma fulva e graças a tal aureola conquistando todas as galanices que é de uso encontrar nos fazedores de folhas lidas, quando a in-

tellecção teimosamente se lhes deixa ficar pelas lombadas. Por desgraça nem tudo que é original tem obrigação de ser louvavel e este snr. Brandão que tem talento, com uma forma que é bem sua e uma maneira de encarar a vida litterariamente que o distingue, desorienta-se e vae gastando o melhor do seu engenho em obrinhas de que pouco ou nada se aproveita para uma selecção de coisas bellas.

N'este livro ha um typo interessante — a Candidinha — e pena é que d'elle o auctor não quizesse ou não soubesse fazer a obra d'arte que a importancia do seu estudo reclamava. Ao lado d'esse Antoninho, de uma concepção tão falha de harmonia e de justeza, perdida em meio d'uma gaguez de estylo lastimavel, a figura de mulher apaga-se, victima d'uma execução formal que de começo interessa pelo novo, paginas volvidas irrita pela insistencia e mais tarde nos obriga a deixar o livro com enfado.

Ignoro se o snr. Brandão tem uma tão completa ausencia de qualidades litterarias que o impeça de fazer um dia obra de geito, apesar dos predicados de talento que lhe não faltam, e mal atino com a razão de ser d'esta obra d'arte destrambelhada e inconsistente.

Não faltará talvez quem tente explicá-la como logico producto d'uma organização malsã de nevropatha. Mas o certo é que não ha estados mor-

bidos com a syndromia toda voltada para a manifestação em obras d'arte e no snr. Brandão parece-me que não existe essa incapacidade... esse quasi horror pelas coisas praticas da vida que a nevropathia sempre traz no seu cortejo tragico de males. O snr. Brandão collabora n'um jornal em estylo chão e briga em concursos officiaes de livros de meninos, é pontual nos seus trabalhos, segundo dizem criticos amaveis, e vae levando tranquilamentê os seus dias sem pathologico desvio de correcção que dê nas vistas.

E' certo que n'este começo de seculo de subtilesas e requintes, ha nevroses que se ostentam na botoeira como uma flor de preço, nevroses civilizadas com seu gagé de ingarilho, incapazes d'uma attitude de mau gosto ou d'um deslize incivil de faramalha. Mas é de crer que o snr. Raul Brandão se consiga poupar a essa nociva producção de mau dandysmo e desande a construir com vigor, segurança e talento a sua obra.

E vá registando já de minha banda os sincerissimos desejos de que assim venha a succeder.

PARECE que afinal sempre vamos ter novas camaras, com mais rethorica, mais barulho, mais projectos e uma ausencia maior de synthese e de vergonha. Subirá o panno mais uma vez deante dos bocejos d'uma plateia quasi ás moscas, porque, sobre ser a peça vista e de mau gosto, cada vez mais os talentos scenicos rareiam e o desempenho a par e passo vae perdendo todo o interesse. Novamente, na ultima arrancada d'um fugacho de esperanza que a pouco e pouco se extingue e aniquila, meia duzia de bons espiritos, gente honesta que a paixão politica não cega, nem o cinismo tão pouco inutiliza, pergunta qual o rumo que leva tudo isto, qual a directriz d'uma politica de interesses, desterrada de toda a casta de principios, arrancado com enfado o pudico focinho contrafeito e seguindo lepidamente sobre a lama, na commoda monção do puro arbitrio. De modo tal que o pessimismo dirá ser todo esse o quadro poli-

tico mais proprio para fechar com raro estrondo o balanço final d'um povo que liquida.

Com effeito, perdido o credito, perdido o senso moral, exhaustas talvez as ultimas energias n'um proposito salutar de vida honesta, Portugal vae morrendo aos poucos, na tortura d'essa agonia longa e cruciantissima que é o ultimo mal dos corpos que foram fortes e das nações que foram grandes. Desfaz-se aos bocados, apodrecido, gasto. Tresanda quando o vento sopra das bandas da Arcada, fedôr que tanto pode vir das enxundias do sr. Alpoim como d'um arrôto auctoritario do sr. presidente do conselho.

E é n'esta altura que os taes bons espiritos erguem novamente o seu olhar de fé e buscam ainda no cahos politico presente um caminho que os deve conduzir talvez ao desengano da emballadora esperança derradeira. Resta saber se tal caminho existe e, n'esse caso, qual o orago aos bons officios de quem, ao partir de longada por rota tão incerta, se deve encommendar o viandante.

Progressistas e regeneradores tiveram outr'ora os seus programmas cheios de afirmações que não esqueceram porque jamais pessoa alguma pensou em n'as decorar e de principios que hoje se não renegam pela simples razão de que nunca ninguem

cuidou de os pôr em pratica. Eram longas tiradas philosophicas, amenisadas com explendidas promessas que nunca se cumpriram. Hoje ninguem sabe que tal existiu: programmas só se citam em vesperas de eleições, em comicios publicos por via da rethorica e nos artigos das folhas quando positivamente nada mais ha que dizer. Principios, opiniões, a mesma liberdade de querer e de pensar dos membros d'um partido, abdicam ante a intelligencia e a vontade d'um só homem: e desapparecem os regeneradores para só existir a còrte do snr. Hintze e acaba o progressismo para ficar apenas a legião dos sequazes do snr. José Luciano. Tanto que o proprio snr. Hintze expulsa quem não perfilhe por inteiro as suas opiniões, sem que para isso invoque razões de programmas, contradicções insanaveis de principios; e, ante a lamentavel razão que ameaça afastar da vida publica o chefe progressista, o seu partido esboroa-se, sem uma ideia, uma aspiração commum que o ligue e o sustente n'um guerreio insoffrido de ambições e de vaidades.

Na nossa scena politica já não são opiniões que se debatem, são cavalheiros que quebram lanças pelo primôr das qualidades pessoaes de varios mônos; deixam-se de pleitear principios para baixar á discussão de homens apenas, e por isso, do debate erguido e serio, sem vantagens por vezes mas com dignidade sempre, se desceu á

vergonha do *dize tu, direi eu* das comadres desavindas.

Interna-se nas sinuosidades abstrusas d'um dedalo quem cuide de investigar alguma coisa da economia publica, continua abandonada, inculta, uma parte de Portugal que poderia ser uberrima, faz crise todo o labor da nossa industria, a instrucção technica retrocede após um impulso de pouco alcance, não ha ensino primario e os cursos superiores, atrazadós, retrogradados, em vez de algumas dezenas de homens uteis, fornecem em cada anno esfaimadas legiões de pretendentes.

Mas que se importa com isso toda esta gente? Basta-lhe saber se os centros da provincia espectam o penacho no topete loiro do sr. Alpoim ou se as cariciosas fallas do sr. Teixeira de Sousa fazem tombar de vez o bojudo orador entre seus braços.

Eis porque bom será que os senhores se desenganem de que só hoje pode valer o partido em que um certo numero de creaturas honestas se hajam reunido com propositos honestos e n'uma vontade unica, commum, inabalavel, que seja simultaneamente a sua cohesão maior e a sua maior força. Com um chefe, é claro, por uma questão d'ordem, mas com a direcção suprema do fim que se propoz attingir com perseverança, com leal-

dade, e com essa fé que nunca atraiçoa quando se quer vencer a todo o transe.

E tanto importa que tal partido possa ter vindo em sua origem d'uma revolução ou d'um capricho, desde que pelo tempo adiante os seus propositos se aclararam e se mostraram puros e a sua conducta permaneceu na linha de correcção mais logica e mais firme. D'aquillo que ao começo pouca razão de ser se descortina alguma coisa se pode fazer ainda, quando a reflexão ajuda a desmanchar illusões, solver de vez os erros e dirigir a energia e uma vontade d'um homem, ou a energia e a vontade d'um agrupamento, no caminho d'uma segura utilidade.

Poderá ser isso, mais d'um anno depois da sua origem, o partido do snr. João Franco, formado por este estadista n'um critico momento da sua vida d'homem publico? Teremos assim um agrupamento de homens livres, caminhando livres para a realização d'um mesmo fim, com um chefe que a situação anterior saliente indicava para dirigir, não o criterio de cada um, não a sua intelligencia nem a sua vontade, mas a acção politica do grupo, que tem de ser organizada para ser proficua? E gastos, e em descredito, os outros partidos monarchicos, e postas de parte ideias de republica á vista da desorientação tão reveladora e da inhabilidade tão provada dos cavalheiros que a intentam, está esse partido na altura de consti-

tuir para a tal meia duzia de bons espiritos a ultima emballadora esperanza que elles buscam?

Manda a verdade dizer que eu não poderia pôr um não depois d'estas perguntas, porquanto tal brigaria com a eloquencia dos factos de até agora e todas as illações que d'elles pode colhêr quem os encare a frio, á luz do bom-senso, sincera e desapaixonadamente.

PAULO OSORIO

Historia d'um morto

(2.^a EDICÃO)

Um volume de 32 paginas, magnificamente impresso, 100 reis

Livraria Nacional e Estrangeira de Eduardo Tavares Martins—Editora, Clerigos, 8 e 10—Porto.

OPINIÕES DA IMPRENSA

Do *Diario da Tarde*, de 14-8-03 :

«... São paginas intensas e saccudidas de emoção, onde por vezes afflora a luz d'uma leve ironia ou scintilla a faiscação d'um sorriso. O typo de João Martins é minuciosamente estudado e erguido bem vivo e bem real n'um plano de flagrante verdade. Admiravel ainda Maria da Graça, uma creatura resignada e ingenua, mas tão humana e tão cheia de delicadezas e de ternuras.

Paulo Osorio releva, n'estas paginas excellentes como fôrma e como dramatisação, uma nova facêta do seu malleavel talento. Ás suas bellas qualidades de critico, já perfeitamente definidas e accentuadas, allia altos dotes de romancista, o que nos regosija sinceramente, no momento em que a litteratura portugueza tão pobre d'elles está...»

Do *Jornal da Manhã*, de 16-8-03 :

«... São talvez estas, entre tantas paginas bellas do auctor, as mais bellas.

Um poderoso senso estheticco equilibra de principio a fim toda a acção, fazendo de essa «Historia d'um morto», que elle nos conta, uma verdadeira e delicadissima obra de arte, presagio seguro de qualidades tão perfeitas de romancista, que é forçoso esperar do moço escriptor que será, com o tempo, uma gloria do romance moderno.

E pouco tempo. Aquelle mesmo caso, tão singelo na apparencia e no fundo tão complicado, teria já dado ao snr. Paulo Osorio, se houvesse querido desenvolvê-lo, esse romance que elle fará um dia — e que para nós como que já existe, afiançado pela complexidade de aptidões que o seu trabalho recente nos revela.

Não haja duvida de que está ahi um romancista, — tendo a mais sobre muitos cultores modernos do romance o condão de repassar a acção de sensibilidade, fazendo-nos vêr, através da alma das suas criações, e até mesmo dos seus descriptivos de coisas externas, a sua alma e as suas faculdades,—aquella de poeta e estas de critico.

É mais que um observador o snr. Paulo Osorio. É um emotivo ; e a vida interessa-o pela dóse de sentimento que ressuma, e que elle expõe repassando-o da sua propria vida, da commoção e do abalo dos seus proprios nervos.

Essa figura tragica de João Martins não esquece mais ; nem ao pé d'ella, banhada de luar e de piedade, essa humilde creatura que é Maria da Graça, que diríamos enviada por Deus—sem resultado! — ao torvelinho que cêdo envolveu esse pobre João, e que por fim o arremessou ao nada...

Saudando em Paulo Osorio uma das mais seguras esperanças do romance portuguez, agradecemos-lhe a remessa do seu trabalho, que vamos reler e guardar com amor.»

SOUS PRESSE

Paulo Osorio

Histoire d'un mort

TRADUCTION DE

Philéas Lebesgue

Bibliothèque International d'Édition — Paris

AGUILHADAS

Volumes de 16 a 32 paginas

EM PORTUGAL

Numero avulso, 50 reis
Serie de 12 n.^{os} (pag. adeant.) 500 reis

NO BRASIL

Numero avulso:
300 reis (moeda fraca)

DEPOSITO EM PORTUGAL :

LIVRARIA NACIONAL E ESTRANGEIRA

— DE —

EDUARDO TAVARES MARTINS

8, Rua dos Clerigos, 10 — PORTO

Camisaria da Moda

64, Rua de Santo Antonio, 66 - PORTO

COMPLETO SORTIDO DE ROUPA BRANCA

PARA HOMEM E SENHORA.

DIVERSOS ARTIGOS DE NOVIDADE PARA HOMEM.

ESPECIALIDADE EM GRAVATARIA.

Enxovaes para casamento.

LIVROS NOVOS

- Abel Botelho*—*Os Lazaros*, romance. Ed. Lello & Irmão—1 vol.
de 440 pag. 700
- Antonio Corrêa d'Oliveira*—*Auto de Junho*, versos. Ed. Fer-
reira & Oliveira—1 vol. de 32 pag. 100
—*Ara*, versos. Ed. Ferreira & Oliveira—1 vol. de 158 pag. 700
- Julio de Lemos*—*Campesinas*, contos. Ed. Tavares Cardoso—
1 vol. de 262 pag. 500
- Philéas Lebesgue*—*Le Portugal littéraire d'aujourd'hui*. Ed.
E. Sansot & Cie—1 vol. de 68 pag. 1fr.50
- Sá d'Albergaria*—*O Segredo do Eremita*, romance. Ed. Em-
preza Litteraria e Typographica—5 vol. 1\$500
-

Bibliotheca das traducções

Volumes publicados: I—*Actea*, de Alex. Dumas; II—*Sulta-*
netta, de Alex. Dumas; III—*Herdeiro de Robinson*, de Laurie.

Preço de cada volume 100 reis.